Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Artigos

2013

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED
SUPERINTENDENCIA DA EDUCAÇÃO – SUED
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS - DPPE
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE
Av. Água Verde, 2140 – CEP 80240-900 – Curitiba - Paraná.

Reflexões sobre Avaliação: Esboçando Retratos da EJA

SILVIA MARIA PELLOSO
DEZEMBRO/2014.

Orientadora: Profª. Drª Alexandra de Oliveira Abdala Cousin

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED
SUPERINTENDENCIA DA EDUCAÇÃO – SUED
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS - DPPE
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE
Av. Água Verde, 2140 – CEP 80240-900 – Curitiba - Paraná.

Reflexões sobre Avaliação: Esboçando Retratos da EJA

Sílvia Maria Pelloso
Professora da Rede Pública de Ensino do Paraná. Concluinte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE na Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR, silviapeslloso@seed.pr.gov.br

RESUMO

O presente trabalho propõe refletir sobre as práticas de avaliação utilizados em Matemática dentro da Educação de Jovens e Adultos, mostrando que a avaliação deve e pode ser conduzida de modo natural. E que a avaliação é uma ferramenta para que o professor possa acompanhar o desenvolvimento do aluno, visando buscar melhorias nos processos de ensino e aprendizagem sem criar traumas ou ser um fator desmotivador ao aluno. Para fundamentar esses estudos, utilizou-se como referências teóricas autores como Maria Teresa Estaban, Cipriano Carlos Luckesi e Celso dos Santos Vasconcellos.

Palavras-chaves: Avaliação, EJA, Matemática

Introdução

A avaliação é compreendida como uma prática que alimenta e orienta a intervenção pedagógica. É uma das principais ferramentas do ensino, pelo qual se estuda e interpreta os dados do conhecimento adquirido. Tem a finalidade de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos educandos, e também de diagnosticar os resultados.

Na avaliação da aprendizagem dos educandos da Educação de Jovens e Adultos é fundamental uma reflexão frente às suas próprias experiências. A este educando a avaliação deve ser entendida como processo contínuo, descritivo, compreensivo que oportuniza uma atitude crítico-reflexiva frente à realidade concreta.

A avaliação para educando da Educação de Jovens e Adultos não pode ser um processo meramente técnico; exige o domínio de conhecimentos e técnicas com o uso, dentre outros, de critérios claros e objetivos que busquem autonomia a este educando, especialmente para que se reduza a exclusão social.

Refletir sobre a prática de avaliação atual nos leva a realizar uma projeção de quais caminhos a educação precisa seguir e de como necessitamos gradualmente mudanças visando respeitar os tempos individuais e a cultura de cada educando para que, com isso, ele seja sujeito nas relações sociais. Essa expectativa de reformular a prática de fato e de direito implica algumas reflexões no tocante ao que se tem e ao que se almeja conseguir.

Pautados no princípio da educação que valoriza a diversidade e reconhece as diferenças, o processo avaliativo como parte integrante da práxis pedagógica deve estar voltado para atender as necessidades dos educandos, considerando seu perfil e a função social da EJA, isto é, o seu papel na formação da cidadania e na construção da autonomia.

Dentro de uma linha especifica sobre o processo de avaliação para a Educação de Jovens e Adultos foram realizados encontros com professores do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Santa Clara, para estudos e reflexões sobre a melhor forma de utilizar a avaliação como ferramenta orientadora para os processos de ensino e aprendizagem.

Dialogando sobre Avaliação Educacional

A avaliação é alvo de indagações e de controvérsias, porém, a avaliação vincula-se aos processos desenvolvidos sob a ótica da emancipação social, sendo indispensável para que as práticas escolares sejam democratizadas. “Avaliar, como tarefa docente, mobiliza corações e mentes, afeto e razão, desejos e possibilidades. É uma tarefa que dá identidade à professora, normatiza sua ação, define etapas e procedimentos escolares, media relações, determina continuidade e rupturas, orienta a prática pedagógica” (ESTEBAN, 2003, p.10).

> A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. É importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos de conhecimentos necessários. Desse modo, a avaliação não seria tão-somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para sua aprendizagem. Se um aluno está defasado não há que pura e simplesmente, reprová-lo, e mantê-lo nessa situação. (LUCKESI, 1995, p.81).

Conforme DEMO, 1987, p. 7, “fazendo parte da permanente reflexão sobre a atividade humana, a avaliação constitui-se num processo intencional,

auxiliado por diversas ciências, e que se aplica a qualquer prática". A avaliação não diz respeito apenas ao ensino e nem pode ser reduzido apenas à técnica.

Para ESTEBAN, 2003, p.14, "avaliar diz respeito a uma tarefa solitária, de responsabilidade exclusiva da professora que propõe os instrumentos a serem usados, elabora-os, aplica-os e analisa-os, acompanhada de pressão constante decorrente das repercussões do resultado da avaliação na vida do aluno ou da aluna". Por meio da avaliação a professora encontra meios para fragmentar o conhecimento nas disciplinas escolares, fragmentar os alunos em partes observáveis, que podem ser quantificadas, medidas, comparadas, classificadas e recebem um valor, que é registrado e que informa o nível de conhecimento do aluno.

> Para que avaliação se torne um instrumento subsidiário significativo da prática educativa, é importante que tanto a prática educativa como a avaliação sejam conduzidas com um determinado rigor cientifico e técnico. A ciência pedagógica, hoje, está suficientemente amadurecida para oferecer subsídios à condução de uma prática educativa capaz de levar à construção de resultados significativos da aprendizagem, que se manifestem em prol do desenvolvimento do educando. (LUCKESI, 1995, p. 100).

A avaliação do aproveitamento escolar deve ser considerada como uma atribuição de qualidade, não podendo ter um aspecto classificatório, tem que oferecer subsídios para uma tomada de decisão, direcionando o aprendizado, conduzindo a ação. "O objetivo da aferição do aproveitamento escolar não será a aprovação ou reprovação do educando, e sim o direcionamento da aprendizagem e desenvolvimento". (LUCKESI, 1995, p. 96).

Todos nós, inclusive a sociedade, devem estar interessados em que os alunos aprendam e se desenvolvam individualmente e coletivamente, e que quanto menor interesse por parte do educador menos será a possibilidade de que os alunos venham a ser cidadãos dignos do amanhã, com a capacidade de compreensão crítica do mundo.

> "A avaliação da aprendizagem escolar será autoritária estando a

> serviço de uma pedagogia conservadora e, querendo estar atenta à transformação, terá de ser democrática e a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação da sociedade a favor do ser humano, de todos os seres humanos, igualmente." (LUCKESI, 2005, p.32).

Conforme ESTEBAN, 2003, p.19, "o ensino também deve ser controlado e apresentar rendimento, ser eficiente e eficaz". Entendemos que isto deva ser no momento em que a professora avalia, em que expõe resultados que classificam os alunos e portanto, definindo sua integração, exclusão ou tentativa de recuperação.

> A reprovação não faz o aluno ou aluna aprender, que nem sempre é uma nova oportunidade, a professora vai aprendendo lições contraditórias, é preciso classificar para ensinar e classificar não ajuda a ensinar melhor, tampouco aprender mais. A professora também deve ir avaliando seu aluno ou aluna percebendo quando uma resposta, mesmo errada, corresponde a um grande avanço para alguns. Uma mesma resposta pode adquirir valores diferenciados, porque corresponde a processos diferentes, mas essa diferença não pode ser objetivamente verificada, medida e classificada. As situações vividas no cotidiano da sala de aula mostram a necessidade de criação de procedimentos que conduzam a avaliação por outros caminhos ao indicarem a insuficiência de uma avaliação que pretende realizar uma verificação objetiva e produzir uma medida neutra. (ESTEBAN, 2003, p. 23).

Na escola, as provas com questões objetivas estão sendo substituídas por provas trazendo questões mais abertas, que solicitam opiniões e reflexões dos estudantes, que propõem o estabelecimento de relações mais amplas. As questões pretendem estimular uma maior participação do sujeito que aprende na elaboração das respostas e captar o processo de aprendizagem.

Não podemos desconsiderar a potencialidade de transformação que o debate sobre a avaliação traz para o cotidiano escolar, é na escola que se encontramos pistas e evidências de que a avaliação precisa transformar-se e de que diariamente ela vem sendo transformada por quem a realiza. A avaliação realiza-se com a compreensão de que o ato do conhecimento e o

produto do conhecimento são inseparáveis. “muitas são as mudanças, e algumas efetivamente contribuem para a constituição de uma nova possibilidade de análise da aprendizagem e da avaliação dos alunos e alunas como sujeitos que aprendem”. ESTEBAN, 2003, p.28

Por outro lado, é preciso produzir instrumentos e procedimentos que nos ajudem, a compreender e a interagir com os educandos.

> “a professora, ao avaliar, é avaliada, coloca-se em contato com o movimento de permanente produção de conhecimento e de desconhecimento, atos entrelaçados no cotidiano escolar. A avaliação pretende promover uma reflexão que participe da experiência de ensinar com e de aprender com, tecida coletivamente na sala de aula, no pátio, no refeitório, no banheiro, nos corredores, no portão, na biblioteca, nos tantos lugares por onde transitam os sujeitos que se encontram na escola para realizarem, juntos, um trabalho que visa à ampliação permanente dos conhecimentos”. (ESTEBAN, 2003, p.34).

Para ESTEBAN, 2003, p.76, “as práticas de uma avaliação inclusiva não apenas respeitam as diferenças, mas também criam mecanismos de apoio à aprendizagem e comprometem-se com a reflexão crítica e permanente sobre o cotidiano escolar”. A avaliação consiste em responsabilidade coletiva e orienta-se no sentido da transformação das condições que naturalizam o fracasso escolar. A avaliação deve ser uma prática de interrogar e interrogar-se, para que possa transformar-se em ações. As avaliações podem ser tecidas, construídas a partir das relações de comunicação que fazem parte do cotidiano escolar, com respeito à diversidade e às especificidades, frutos das negociações que as relações propiciam.

Assim, segundo ESTEBAN, 2003, p.119,”a avaliação é parte integrante do currículo, na medida em que a ele se incorpora como uma das etapas do processo pedagógico”. Nós avaliamos e seremos avaliados em função de valores, possibilidades e características de nossas vidas cotidianas nas escolas, a todo momento. Em que pese a recorrência que, muitas vezes, encontramos em questões de avaliação, entendemos que há particularidades

na relação de cada pessoa com a avaliação que suscitam diferentes sentimentos e emoções e, portanto, diferentes formas de entendimento e de atribuição de sentido. Exatamente porque queremos ser capazes de avalia-los é que precisamos dotar-nos de novos instrumentos, fundamentados não apenas na quantidade de conteúdos aprendidos, mas também nos aspectos qualitativos e interdisciplinares presentes no trabalho cotidiano e nos objetivos da escolarização.

> "... um número significativo de professoras de escola ainda acredita e tem como referência uma concepção de avaliação pautada em mecanismo de controle, de seleção e de classificação de alunos e alunas. Mas sabemos, também, que é possível redefinir o sentido da prática avaliativa, pois o movimento de investigar o processo ensino/aprendizagem tem possibilitado ter como eixo o processo experienciado pelas crianças, em vez de resultados do ensinar e do aprender. Ao contrário do aprendido, o processo ensino/aprendizagem é constituído pela diferença e não pela homogeneidade de caminhos, aprendizados, conhecimentos, desconhecimentos". (ESTEBAN, 2003, p.155).

É preciso entender que avaliar é muito mais que aplicar teste, uma prova, fazer uma observação. O essencial é fazer da avaliação um instrumento auxiliador de um processo de conquista do conhecimento. Para isso, não falta advertências, "É preciso parar de pagar ao aluno pelas suas tarefas de aprendizagem. Aprender é um prazer inalienável do ser humano; não dá para ser negociado, não pode ter preço". (RABELO, 1998, p.330).

A Avaliação Educacional Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos

No tocante à avaliação, a história da educação no Brasil salienta um quadro em que muitos são excluídos, alguns nem chegam a participar do processo educativo e há outros tantos que, por falta de adaptação ou metodologias adequadas, desistem e engrossam as filas dos marginalizados socialmente.

Este sistema avaliativo, de caráter excludente, seletivo e classificatório, tem origem nas concepções trazidas pelos jesuítas nos séculos XVI e XVII, e foi consolidado ao longo do tempo, permanecendo até hoje na prática de muitas escolas. Apesar das mudanças sofridas no decurso da história, o tradicional sistema de avaliação está centrado no professor como controlador do processo. Enfatiza provas e exames em ocasiões solenes, marcadas pela constituição de bancas examinadoras, adotadas como disciplinamento social dos educandos.

Conforme Comênio, em Luckesi (2000, p. 75) “o medo é um excelente fator para manter a atenção dos alunos às atividades escolares”. Além disso afirma que, a educação deve ser o centro da ação do professor e os exames devem ser usados como meios de estimular o trabalho intelectual da aprendizagem dos educandos. Justifica-se, assim, a atitude autoritária frente à avaliação, que enfatiza a aprendizagem centrada na memorização.

Por meio da escola, a sociedade burguesa reforça e aprimora os mecanismos de manutenção do seu status quo, utilizando instrumentos de controle com o objetivo de provocar o medo e a subserviência, os quais operarão decisivamente na formação da personalidade dos educandos. Esse modelo avaliativo conservador, em essência, é mantido na pedagogia positivista, que garante a permanência da hierarquização do poder, acompanhando as reformas de ensino do primeiro período republicano em nosso país.

O movimento escolanovista lança um novo olhar sobre a avaliação, apoiado na psicologia, na sociologia e na antropologia. Usa uma nova retórica que dá ênfase às diferenças individuais dos educandos pela auto-avaliação. Contudo, permanece a palavra final do professor no processo avaliativo, provocando poucas mudanças no modelo vigente.

Na transmissão do conhecimento e no princípio do rendimento, a pedagogia tecnicista está orientada pela visão técnica da racionalidade

econômica e empresarial, funcionando como modeladora do comportamento humano por meio de técnicas específicas.

Assumindo caráter disciplinador, não somente da conduta social, como da cognitiva, subtraindo do professor o domínio absoluto sobre a tomada de decisões, logo, a instituição, por meio de seus grupos dirigentes e/ou representantes, passa a construir o processo avaliativo. Pressupõe a eqüidade social que o próprio modelo liberal vigente não permite que se concretize, estabelecendo regras unificadas para a aplicação dos procedimentos avaliativos.

O modelo social brasileiro, voltado para atender as necessidades do capital é, na sua essência, seletivo e excludente. A escola, inserida nesse modelo, pouco avalia a aprendizagem, mas examina, pontua e classifica.

Para Luckesi (2000, p. 18), a “pedagogia de exames” nos cursos não auxilia na aprendizagem dos educandos, pois, em termos psicológicos, desenvolve personalidades submissas e, sociologicamente, reproduz os interesses da sociedade de classes, na medida em que seleciona e classifica os estudantes.

No contexto de uma cultura avaliativa classificatória e excludente, faz-se necessário repensar no discurso de uma “escola libertadora”, se tal concepção está contemplada na prática; ou seja, se a escola ainda reúne os conselhos de classe com o único objetivo de aprovar e reprovar educandos, se as provas são feitas para medição e atribuição de notas, se privilegiam apenas a memorização. O processo avaliativo que a escola pratica deve estar fundamentado em uma concepção teórica que a comunidade escolar compreenda e o tenha claro, para não dicotomizar discurso e prática.

Mudar a forma de avaliação pressupõe mudar também a relação ensino-aprendizagem e a relação educador-educando, tendo em vista que esta mudança, para muitos, pressupõe a perda de poder. Os educadores que ainda estão presos a essas concepções e usam a coerção, por meio da avaliação,

confundem o silêncio e a submissão do educando com aprendizagem, e reforçam a permanência de uma sociedade excludente e seletiva.

Vasconcelos (1993, p. 45) instiga a repensar o fazer pedagógico, ao afirmar que as “novas ideias abrem possibilidades de mudanças, mas não mudam. O que muda a realidade é a prática”.

Por isso, é preciso construir uma cultura avaliativa que propicie à escola questionar o seu papel e comprometer-se com a construção e socialização de um conhecimento emancipatório. A avaliação é um meio e não um fim em si. É um processo contínuo, diagnóstico, dialético e deve ser tratada como integrante das relações de ensino-aprendizagem.

Para Luckesi (2000), a avaliação da aprendizagem é um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar o educador e o educando na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de estar na vida.

Os saberes e a cultura do educando devem ser respeitados como ponto de partida real, realizando a avaliação a partir das experiências acumuladas e das transformações que marcaram o seu trajeto educativo. A avaliação será significativa se estiver voltada para a autonomia dos educandos.

Concepção de Avaliação no Projeto Político Pedagógico do CEEBJA Santa Clara.

A avaliação educacional, nesse Estabelecimento Escolar, tem seguido às orientações contidas no artigo 24, da LDBEN 9394/96, que compreende os seguintes princípios:

• investigativa ou diagnóstica: possibilita ao professor obter informações necessárias para propor atividades e gerar novos conhecimentos;

• contínua: permite a observação permanente do processo ensino-aprendizagem e possibilita ao educador repensar sua prática pedagógica;

• sistemática: acompanha o processo de aprendizagem do educando,

utilizando instrumentos diversos para o registro do processo;

• abrangente: contempla a amplitude das ações pedagógicas no tempo-escola do educando;

• permanente: permite um avaliar constante na aquisição dos conteúdos pelo educando no decorrer do seu tempo-escola, bem como do trabalho pedagógico da escola.

Os conhecimentos básicos definidos nesta proposta serão desenvolvidos ao longo da carga horária total estabelecida para cada disciplina, conforme a matriz curricular, sendo avaliados presencialmente ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Considerando que os saberes e a cultura do educando devem ser respeitados como ponto de partida real do processo pedagógico, a avaliação contemplará, necessariamente, as experiências acumuladas e as transformações que marcaram o seu trajeto educativo, tanto anterior ao reingresso na educação formal, como durante o atual processo de escolarização.

A avaliação processual utilizará técnicas e instrumentos diversificados, tais como: provas escritas, trabalhos práticos, debates, seminários, experiências e pesquisas, participação em trabalhos coletivos e/ou individuais, atividades complementares propostas pelo professor, que possam elevar o grau de aprendizado dos educandos e avaliar os conteúdos desenvolvidos.

É vedada a avaliação em que os educandos sejam submetidos a uma única oportunidade de aferição. O resultado das atividades avaliativas, será analisado pelo educando e pelo professor, em conjunto, observando quais são os seus avanços e necessidades, e as consequentes demandas para aperfeiçoar a prática pedagógica.

Implantação do projeto "Reflexões sobre Avaliação: Traçando caminhos na EJA"

A implementação deste projeto foi específica a um grupo de professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos do CEEBJA Santa Clara e também nas Escolas do Ensino Regular, totalizando quatorze professores, por meio de encontros semanais totalizando trinta e duas horas, no primeiro semestre de 2014.

A experiência e vivência dos participantes contribuíram muito para os debates, contudo o foco no processo avaliativo sempre foi o centro das discussões, mostrando que somente o fato de estar reunido em torno de um assunto que tange muitos pontos de divergência faz com que haja uma reflexão do modelo de avaliação que muitos professores fazem uso. O embasamento teórico facilitou e direcionou os encontros, porém, a todo momento foi aberto aos participantes que contribuíssem na interpretação das teorias relacionando com as situações vivenciadas em sala de aula. Ficou evidente que o padrão do processo de avaliação utilizada em outrora, hoje faz parte do passado, porém, os professores não esqueceram totalmente, também foi possível sentir a flexibilidade para a Educação de Jovens e Adultos comparados com o sistema do Ensino Regular.

Destacamos, a seguir algumas questões aplicadas sobre a avaliação na Educação de Jovens e Adultos, bem como as respostas de alguns participantes:

P - Como você realiza o processo de Avaliação em sala na EJA?

Professor 1: A Avaliação é contínua, através de trabalhos, atividades em sala de aula, debates, pesquisas e também com avaliações, levando sempre em consideração o conhecimento prévio do aluno.

Professor 2: A Avaliação é feita através de vários instrumentos, sobretudo discussões e seminários, pois valorizamos a participação dos

alunos, temos também a tão falada prova, mas que não é um instrumento quantificador apenas, em nossa instituição a prova tem caráter investigatório que permite a retomada de conteúdos. Portanto, ao longo dos períodos, o professor avalia o aluno a partir de uma diversidade de instrumentos, de forma cumulativa.

Professor 3: Procuro avaliá-los de diversas formas, através de atividades em sala, produção, participação, trabalhos, mas também com avaliações escritas, seja em forma de pesquisa no caderno, em duplas, pois é necessário quebrar essa ideia de que na EJA somente tendo presença o aluno consegue eliminar matéria.

Professor 4: Toda produção do aluno em sala de aula é avaliada. Trabalhos em grupos e individuais, atividades de revisão, participação, pesquisas, organização do caderno enfim, seu crescimento pessoal.

P – Quais as principais semelhanças e diferenças que você percebe na avaliação na EJA e no Ensino Regular?

Professor 2: Os critérios de avaliação praticamente são os mesmos, trabalhos individuais, atividades em sala de aula e provas. A matriz curricular é a mesma, com metodologias diferenciadas. Nas avaliações de trabalhos em grupos, os alunos da EJA, todos participam com responsabilidade, quanto os alunos do regular é difícil trabalhar em grupos, enquanto um ou dois trabalham os demais brincam atrapalhando os que estão trabalhando e faltam no dia da apresentação, pois confiam na recuperação e tem a certeza que serão aprovados no final do ano, mesmo não participando dos trabalhos, terão direito a recuperação.

Professor 6: Em ambos casos os alunos ficam meio nervosos na hora da avaliação. Na maioria dos casos enquanto no regular a preocupação com a avaliação dá-se apenas devido a nota tirada, no EJA tem mais a ver com a aprendizagem.

Professor 7: A principal diferença principal é o método de avaliação, a

prova escrita, considerada primordial no ensino regular e raramente utilizada na EJA.

Os professores também realizaram uma síntese em grupo dos textos trabalhados, destacamos:

Professor 3, 4 e 8: A autora Maria Teresa Estaban considera a avaliação como um dos eixos centrais da educação, que permeia todo o processo educativo através das práticas formais, verificando seus efeitos nos educandos e no processo educativo como um todo. Entende a avaliação classificatória como produtora de uma "hierarquia de estudantes", que controla e seleciona, estando articulada a "pedagogia do exame". Defende que a avaliação traz uma dimensão reflexiva ou investigativa e deve estabelecer práticas dialógicas por meio das quais as diversas esferas escolares dialoguem entre elas e dentro delas, possibilitando a retomada das ações e projetando novas possibilidades, para tanto é necessário a reflexão sobre o processo educacional, sobre os procedimentos, sobre os instrumentos que estão sendo trabalhados e sobre os valores que orientam o processo dialógico. Neste sentido, a avaliação atribui valor, cujos resultados atinjam não só o ensino-aprendizagem isolado no processo educacional, mas interligado com a produção da vida social dos sujeitos.

Admite que a avaliação necessita de alguns mecanismos de controle, desde que estejam subordinado à reflexão e não a reflexão subordinada ao controle. Observa que a Avaliação não é responsável pelo fracasso escolar e nem pela exclusão social, pois as turmas são heterogêneas, sugere que o processo avaliativo compreenda as especificidades dos alunos, daí o caráter investigativo e a partir dessa investigação trace as ações para favorecer a intervenção de acordo com as dificuldades diagnosticadas, que favoreça a inclusão de todos.

Enfatiza a importância de que a avaliação deve perpassar todo o processo educacional, estar presente em todos os momentos do projeto

político pedagógico e ocorrer não apenas no final das etapas, mas durante todo o processo educativo, dialogando e refletindo sobre qual intervenção deu certo, qual foi a metodologia utilizada e assim traçando metas e ações diferenciadas para atender esta nova demanda, onde o processo permite avaliar todos os segmentos da escola e não só o aprendizado do aluno, mas principalmente sobre a maneira que o professor se prepara, como busca recursos diferenciados e faz as devidas retomadas dos conteúdos, a partir das dificuldades apresentadas pelos alunos.

Professor 1, 2 e 5: O autor Cipriano C. Luckesi, mostra que a avaliação educacional escolar, que se processa em salas de aula, segue um certo "ritual", com caracteres muito próprios. Geralmente acontece após um período de aulas ou um conteúdo trabalhado, através de atividades ou instrumentos avaliativos, através dos quais os alunos podem expressar a compreensão dos conteúdos ensinados pelo professor. Segundo Luckesi, alguns "ingredientes" não deveriam fazer parte da elaboração das avaliações , mas fazem: como a disciplina ou a indisciplina, que muitas vezes desagradam aos professores pela maneira como se comportam.

Além das temidas provas, trabalhos e outros itens vão compondo as notas, ajudando ou não os alunos, dependendo de sua conduta. Pontos somados, pontos subtraídos, compõem a média da unidade de conteúdos, que vai registrada no boletim ou ficha do aluno. A questão que se coloca é: como vemos ou percebemos esse ritual, em termos de avaliação da aprendizagem e democratização do ensino? Para que o ato de avaliar cumpra seu papel, não pode ser atravessada por questões disciplinares, de controle de alunos ou de castigo de condutas sociais que os alunos apresentam dentro ou fora da sala de aula. Os dados relevantes a serem considerados na avalição deverão ser compatíveis com o objeto a ser avaliado e com os objetivos que se tem se o professor definiu previamente o que é essencial e é honesto para com seus alunos e consigo mesmo, na construção dos instrumentos avaliativos, utiliza-se

dessa definição e não de dados arbitrários para "pegar os alunos pelo pé".

Ao utilizar elementos irrelevantes na prática da avaliação, somos antidemocráticos com nossos alunos aprovando ou reprovando por aquilo que não é essencial à aprendizagem escolar, assim como podamos o surgimento de pessoas criativas, vivas, capazes de construir conhecimentos, inventar, crescer em compreensão e visão da realidade.

A prática classificatória da avaliação é antidemocrática, pois não encaminha para uma tomada de decisão, para o avanço, para o crescimento, e ainda pior, trabalha com quantidade e não com qualidade, uma vez que o aluno necessita de uma "quantia" de nota para ser aprovado, quando deveria ser um mínimo de conhecimento necessário, que deveria levar o professor a reorientar o aluno até que viesse a deter esse mínimo necessário de conhecimento em cada unidade de conteúdo trabalhado.

Essa prática de transformar qualidade em quantidade não permite ao aluno tomar consciência de sua própria situação em termos de aprendizagem.

Professor 6, 7 e 9: No texto Avaliação da Aprendizagem do autor Celso Santos Vasconcelos, o autor faz uma análise das dificuldades para a mudança da avaliação. E, segundo ele, para haver mudança, é preciso compromisso com uma causa, que pede tanto a reflexão, a elaboração teórica, quanto a disposição afetiva, o querer. Mudança é criar possibilidades.

De acordo com Vasconcelos, no cotidiano escolar, nosso empenho se concentra na mudança das ideias a respeito da avaliação. Esta estratégia, embora importante, é insuficiente. Nossa grande preocupação é a mudança da prática do professor é a criação de um novo plano de ação do sujeito. A mudança da avaliação, para ser efetiva deverá estar atenta à: intencionalidade, forma, conteúdo, prática pedagógica, instituição e sistema.

A avaliação, para assumir o caráter transformador, deve estar comprometida com a aprendizagem da totalidade dos alunos. E segundo o autor, a principal mudança na avaliação é a mudança de paradigma,

posicionamento, visão de mundo e valores. É a intencionalidade que o professor atribui à avaliação no seu cotidiano, sendo este, o maior desafio. A concretização de uma nova intencionalidade exige ousadia, investigação, procura de novos caminhos para assegurar a aprendizagem.

Almeja-se que com o tempo o professor incorpore uma nova tecnologia de avaliação, de maneira que confie na sua experiência, na sua intuição e fique mais livre de instrumentos formais. De acordo com a atividade do professor numa perspectiva dialética implica: conhecer a realidade, ter clareza de objetivos e traçar mediações significativas, agir de acordo com o planejado e avaliar sua prática. E a tarefa fundamental é, a partir de um projeto político libertador, construir um vínculo pedagógico coerente com o compromisso, com a aprendizagem efetiva de todos os alunos. Porém, é importante percebermos que a mudança avaliativa não pode ficar restrita à mudança de mentalidade e práticas dos professores, precisa ser articulada com mudanças estruturais da própria escola, dos sistema educacional e da sociedade. A transformação na avaliação não se restringe a um esforço isolado do professor, mas é fruto de um trabalho coletivo.

O autor conclui enfatizando a importância do professor no processo de mudança na condição de sujeito (e não de objeto), caminhando de uma prática imitativa (cultura da reprovação) ou reativa (mera aprovação) a práxis transformadora (ensino de qualidade democrática para todos).

Resultados Alcançados

Trabalhar com professores que já possuem uma vasta experiência sobre um assunto considerado polêmico dentro do processo ensino-aprendizagem a princípio parecia difícil e que não traria grandes resultados, porém, discutir sobre avaliação foi um aprendizado para todos, e com muita participação dos professores foi se abrindo um leque de colocações que

facilitaram entender que mesmo tendo tantas variáveis entre os professores o processo de avaliação ainda tem um único direcionamento, contribui para a qualidade do ensino e posiciona o professor no planejamento de suas atividades.

Os momentos destinados à reflexão de textos trouxeram alguns entendimentos e forma de compreensão da prática da avaliação, e por serem professores que atuam com Jovens e Adultos, ficou evidente em suas análises que é preciso ter um entendimento diferenciado a este público e mesmo com todas as especificidades que eles têm se faz necessária a prática da avaliação.

Os professores presentes aos encontros colocaram a necessidade de que as avaliações dentro da Educação de Jovens e Adultas têm que ser entendida tanto pelo professor como pela área pedagógica como um processo que vai contribuir para posicionar o educando e professor nos objetivos que a escola tem que é o ensino-aprendizagem.

Para os professores que participaram destes encontros, o momento destinado a reflexão sobre o tema da avaliação deveria ser levado a outros itens da educação, para eles somente com debates e estudos sobre situações do cotidiano e análises de que questões implicam na qualidade da educação deveria ser temas de reflexões, principalmente neste momento de evolução que a sociedade vive e a educação não está conseguindo acompanhar.

Considerações Finais

A avaliação é uma ferramenta norteadora da educação, porque por meio dela é possível verificar as práticas pedagógicas e, com os resultados buscar contribuições durante o próprio processo e não apenas no final estabelecido. A avaliação é um processo importante pela sua dimensão reflexiva, de poder regular os processos pedagógicos, mas não no sentido de

promover a seleção.

Os resultados da avaliação possibilitam buscar alternativas ou mesmo mudar condutas do método de ensino praticado no dia a dia, a avaliação traz em si uma dimensão reflexiva bastante forte, como uma prática de investigação e portanto ela é parte do processo ensino-aprendizagem. Assim busca compreender a multiplicidade que atravessa uma sala de aula, a multiplicidade de culturas, de conhecimentos, de formas de aprender, de processos de aprendizagem.

A avaliação como prática de investigação tem um horizonte móvel, indefinido, pois não trabalha a partir de uma única resposta esperada, mas indagam as muitas respostas encontradas, os diferentes caminhos percorridos, os múltiplos conhecimentos anunciados, com o sentido de ampliação permanente dos conhecimentos existentes. Assim, o educando se sente livre para dar sua resposta, mesmo que diferente da resposta padronizada, porque sua resposta será admitida como conhecimento e, como tal, é considerada parcial e provisória.

O erro nessa perspectiva, deixa de representar a ausência de conhecimento válido, sendo apreendido como pista que indica como o aluno ou aluna está articulando os conhecimentos que já possui com os novos conhecimentos que vão sendo elaborados na realização do projeto, permitindo melhor compreensão dos conhecimentos consolidados, dos desconhecimentos presentes e dos conhecimentos necessários ou em processo de construção.

Refletir sobre o processo avaliativo leva a repensar sobre o momento que estamos vivendo dentro das salas de aula, considerando que muito se discute sobre a qualidade de ensino no Brasil.

Trabalhar com um grupo de professores que acreditam que podemos melhorar e para isto precisamos estar a todo momento nos auto avaliando, fez acreditar que parar para refletir sobre os meios e instrumentos de avaliação praticados tem que ser discutido para que haja um objetivo bem definido,

principalmente quando tratamos de educandos da Educação de Jovens e Adultos.

Referências Bibliográficas

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. São Paulo: Editora Cortez, 1987

ESTEBAN, Maria Teresa – **Org. Escola, Currículo e Avaliação**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

LUCKESI, Cipriano C. **Verificação ou Avaliação: o que pratica a escola**. São Paulo: FDE, 1995.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

RABELO. Edmar Henrique. **Avaliação – Novos Tempos - Novas Práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Site:http://eja-profcicerobarbosa.blogspot.com.br/2010/03/eja-na-ldb-939496.html/Acessado em 19/09/2014

Site:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm/Acessado em 19/09/2014

Site:http://www.infoescola.com/educacao/de-jovens-e-adultos/Acessado em 23/09/2014

Site:http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigocomoral4.pdf/Acessado em 25/09/2014

Site:http:www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf/ Acessado em 25/09/2014